

OPINIÃO



**FRANCISCA DE ÁVILA
MATIAS**
Associada da Miranda &
Associados

Todos têm respostas. Quem sabe fazer as perguntas?

Pela primeira vez, o acesso às respostas jurídicas deixou de estar reservado a quem conhece a lei. Hoje, qualquer pessoa pode obter, em segundos, uma resposta aparentemente fundamentada através de uma ferramenta de inteligência artificial (IA). Mas será que o verdadeiro valor da advocacia alguma vez esteve nas respostas?

Qualquer advogado sabe que uma boa consulta jurídica não é feita de respostas, mas de perguntas. Perguntas que permitem chegar ao cerne da questão e que muitas vezes revelam que o problema é mais complexo – ou, por vezes, menos complexo – do que parecia à partida.

O advogado não acrescenta valor porque tem acesso a respostas diferentes. Acrescenta valor porque muitas vezes percebe que ainda não foi feita a pergunta certa.

Um cliente relata os factos da forma que considera relevante. Um advogado consegue identificar que pode estar a faltar uma parte importante da história. Muitas vezes, a questão decisiva não está naquilo que foi dito, mas precisamente naquilo que ficou por dizer.

Então e se o problema do cliente, contado a uma ferramenta de IA, conduzi-se a uma solução diferente da que seria alcançada por um advogado? Uma resposta aparentemente sólida e fundamentada vale pouco se o problema não tiver sido corretamente identificado. Afinal, a rapidez de uma resposta não garante a qualidade da solução.

Demoramos um minuto a expor um problema e poucos segundos a obter uma resposta. Porque haveríamos então de recorrer a um advogado?

A resposta é simples: porque decisões com impacto na nossa vida não devem ser tomadas com base numa resposta obtida para uma pergunta que tal-

vez nunca tenha sido a correta.

A utilização de ferramentas de IA pelos advogados é hoje uma realidade. Existem inúmeras plataformas desenvolvidas especificamente para auxiliar profissionais jurídicos no exercício da sua atividade. A diferença, porém, não está na ferramenta utilizada, mas na forma como o problema é analisado: o advogado identifica o enquadramento jurídico relevante, formula as perguntas adequadas e, mais importante ainda, percebe aquilo que ficou por perguntar.

Uma ferramenta de IA consegue responder a praticamente qualquer

Os avanços tecnológicos vão inevitavelmente mudar a forma como os advogados trabalham.

pergunta. O que não consegue fazer é perceber qual era a pergunta que deveria ter sido feita. E, como acontece com qualquer ferramenta de IA, a qualidade da resposta dependerá sempre da qualidade da pergunta.

É o advogado, com base na sua experiência, que questiona, testa e valida a resposta obtida, avaliando se esta constitui uma solução real ou apenas uma conclusão aparentemente convincente.

A democratização das ferramentas de IA tornou o acesso às respostas jurídicas mais rápido, mais simples e mais acessível do que nunca. Mas a existência de respostas não elimina a necessi-

dade de espírito crítico.

Num mundo em que todos temos as respostas na mão, torna-se ainda mais valioso saber formular as perguntas certas e avaliar criticamente as respostas obtidas, até encontrar uma solução verdadeiramente adequada ao caso concreto.

Os avanços tecnológicos vão inevitavelmente mudar a forma como os advogados trabalham. Mais produtividade, mais rapidez, mais eficiência. Mas não substituem aquilo que continua a distinguir um advogado de uma ferramenta de IA: o espírito crítico, a curiosidade, a experiência e a componente humana inerente ao aconselhamento jurídico.

Afinal, o advogado não tem de saber mais do que a IA. Tem de saber duvidar dela.



Getty Images